

TRAGEDIA

INTITULADA
OS
SUCCESSOS DE SEPULVEDA.

P E S S O A S.

Sepulveda, Capitão Portuguez da perdida Náo.

Castro, Amigo, e Companheiro de Sepulveda.

Sufalla, Rei da Cafraria, Preto.

Golla, Capitão de Sufalla, Preto.

Dona Leonor, Espôsa de Sepulveda.

Dona Ignez, Prima de Dona Leonor.

Dois filhos de Sepulveda.

Soldados de Sepulveda. *Cafres de Sufalla.*

A Scena se representa nas Costas da Cafraria, chamada terra do Natal, dominios de Sufalla.

A C T O I.

S C E N A I.

Montes, e ao longe algumas Cabanas de Cafres.

Sepulveda, Castro, e Soldados.

Sepulv. **N** Aõ ha de, Castro, obter
levar a palma

A misera desgraça, que a minha alma

Se reveste de espirito feguro,

Para te desligar do braço duro

Cõ q a feu grande carro junta, e prende

Os muitos que destroe, abate, e rende:

He grande o feu puder, mas não receia

Sua força, quem vio a escura, e feia

Morte a seus fios olhos tantas vezes

Destroçando com trubidos revezes,

Da sua vil maldade piegoeiros,

As vidas dos humanos Companheiros:

Nós os vimos fahir dos elementos

Revolto quando os turbes pavimentos

Encravamos do inquieto mar irado

Sobre hum misero lenho derrotado,

A' vista lá das terras do Natal,

Onde por maior bem, ou maior mal,

Estas vidas interpidas salvamos

A

Quã

Quando sobre rochedos aporramos :
 Vimos tambem , nos mares alterados ,
 Os madenhos sepulcros desgraçados
 De tantos Companheiros : tambem virão
 Nossos olhos , que a tanto não fugirão
 No mar , e terra emvermelhadas gotas
 Dos membros estragados , veias rotas ,
 De tantos que da morte vil fugindo
 Hião das turbas ondas resurgindo
 Pelos escollos duros escarbosos ,
 Que as carnes lhe rompião sanguinosos.
 Ha cinco mezes , que por terras, montes,
 Por novos climas , novos horizontes
 Caminho com a misera esposa ao lado
 Com os filhos como resto desgraçado
 Dos justos Companheiros , procurando
 Milhora a tantos males , e passando
 Por tão grandes de tão subido custo
 Como pôde minha alma arguir o susto
 Conhecendo do mundo os defenganos
 Sobre novos desastres , novos damnos ?

Castro. Sepulveda infeliz ... porém ,
 que disse ?

Se vos dei o epiteto de infelice
 Inconsiderado andei ; foi tudo engado :
 Infeliz senão chame aquelle humano ,
 Que d'entre as mãos da desfestrada morte
 Intrepido reurge bravo , e forte :
 O nome mereceis só de ditoso ,
 De constante , fiel , e venturoso ,

Sepulveda. A desejada parte o Ceo
 nos guie

Que ha tempos procuramos , e desvie
 De nossos corações o sentimento
 Mostrando-nos seguro salvamento :
 Mas nesse alto não vedes as rajadas
 Dos Cafres as palhoças levantadas ?
 Os passos suspendamos , *Castro* amigo ,
 Outro porte procuro , a outro cigo ;
 Não sejamos nos malles os primeiros
 Outros nos bens , não sejam redadeiros.

Castro. Quem busca acautelarse do
 perigo

Deseja ter o fado por amigo.

Sepulv. Eu bem sei , que hum feliz
 acolhimento

Achamos nesse Rei , e hum justo intento
 Em todos seus costumes : liberdade :
 Em seus peitos , não tinha a crueldade :
 Bem longe deste Caste se alongava
 O de muito temello , o respeitava :
 Delle partimos satisfeitos todos
 Do seu bom proceder , seus justos modos,
 Da piedade se estende o longo fio
 Do catholico ao barbaro gentio ,
 Qual misero catholico a deslaça ,
 Qual gentio sem lei q'a estima , e abraça ;
 Mas não deve este exemplo persuadirnos
 De não temer os mais , o prevenir-nos
 Das suas feras traições allás he justo ;
 Estas vidas salvadas com gram susto
 Dos derrotados lenhos , de empoladas
 Encapelladas ondas estaimadas ,
 Estas vidas que fracas resurgirão
 De tanta sepultura que já virão
 As extingua só Deos ; quem teme prigos,
 Quem delles se acautella , os tem amigos ,
 Ou menos inimigos de encontrar
 Temer devemos , outros reciar
 Inda maiores : pode a mão divina
 Que tudo rege , tudo determina
 De suas prisões soltar , outros mais fortes
 Qua não se possa a seus violentos cortes
 Resistencia mostrar : que caia o susto
 Em nossos corações : a todo o custo
 Das desgraças fugir impõem , ordena
 Aquelle Deos q' dá o premio , e a pena ;

*Sabe D. Leonor com dois meninos ,
 D. Ignez , e soldados Portu-
 guezes.*

Castro. Mas já da Esposa a doce com-
 panhia
 Presente a vossos olhos ...

Sepulveda. Que alegria
 Se infunde na minha alma co' a presença
 De chusma tão disosa : vinde immensa
 Gloria minha , fartai a cede anciosa
 Que seppurtava esta alma desejosa
 De ver-vos , de abraçar-vos ; que cuidados

Co-

Comigo batalharão ! quam pezados
 Me parecião os passos que movia
 Afastado da vossa Companhia :
 Se os passos alonguei , se mais distante
 Desses olhos morri , foi do incessante
 Amor com que vos amo , motivado
 O que delicto foi ; mas foi causado
 De ver se descobria em tanto perigo
 A vosso debil corpo grato abrigo .
 Que vos fosse censível aos ardores
 Que o baixo Sol , em ludinos vapores
 Derrama neste clima ; onde a pezada
 Grauda , solta areia requintada
 Vossos pés trilha , e queima como fogo
 Para o respeito cego , surdo ao rogo ;
 Mas sem Estrella fui qual navegante
 Que o rumo perde ; se de vós distante
 Me vejo , em vão porfigo na carreira
 Do mar de meus trabalhos , a primeira ,
 Unica estrella sois , que norecia
 A meus confusos olhos alegria .

D. Leonor. Sepulveda , Senhor , amante Esposo ,

Meu alivio , destino meu ditoso ;
 A lei que cigo , o santo nó que aperto ,
 A obediencia do Rei , o justo acerto ,
 Desses vossos preceitos decorosos ,
 Isto tudo , Senhor , são bens ditosos
 Para o meu coração , onde estranhados
 Em seu fiel centro estão depositados ,
 Como reliquias santas , que venero
 De mais froxo valor não considero
 Aquelles bens de que me enriqueceste
 Quando no acerbo perigo me valesse .
 Meu corpo em vossos braços sperando
 Nos alterados mares naufragando :
 Sendo assaltada de hum mortal letargo
 A voz mortal , a mim pezado , e amargo ,
 Eu sei que a vossa vida balançando
 Em mortaes afflicções desatreigando
 Deste de enganos , valle lacrimoso ,
 Quiz ir viver em mundo mais ditoso :
 Buscás com ar sereno consolar-me ,
 E das Imagens tristes libertar-me ;
 Mas de mim retirando o alegre rosto

Ao lonje vejo em vós vosso desgosto :
 Lá hides soldar , lançar por terra
 As lagrimas , Senhor , q em dura guerra
 Sacião esta alma ingrata , e lá a elconde
 A meus olhos : meu bem , donde , aonde
 O freio soltarei do triste pranto ,
 Melhor do q á de cece vista de quem tanto
 Estas vossas porções com a pura chamma
 Daquelle casto amor , em q geradas
 Ellas forão , Senhor ! se desgragadas
 As tem feito o destino , que te virão
 O valor de ser vossos não puderão ,
 E pois o são por minhas as venero ;
 Mas vós com desusado rigor fero
 Me occultais quão esta alma chora , sente ,
 Mas vosso turbo resto me não mente
 Bem que hum ar affectado de alegria
 Por elle derramais da noite , e dia ;
 Esse disfarce em vão , em vão comigo
 Poderá contrastar : por inimigo
 O conheço a meus olhos ; sahia o prãto
 Dos vossos ante os meus : vede que em tanto

Lastimoso infortunio , he mui justo
 Sahir dos corações , sem medo , o susto ,
 Da critica medonha : esta tormenta
 De tragicos successos , que violenta
 A nós se arremegou com mortal corte ,
 He digna de temer o Heroe mais forte ;
 Se credes q em mim falta a tolerancia
 Para soffrer a barbara inconstancia
 Do vil tempo ; pintais com vivas cores
 Do fado os mais cruéis , felos horrores
 Tragicos infortunios lastimosos
 Mais horriveis , cruentos , mais danosos
 De tantos que em funestos movimentos
 Crescem a nollas olhos o momentos :
 Por entre elles ver-me-heis enternecida ,
 Mas não em seu puder asmorecida ,
 Que o costume de tão contraria sorte
 Me fez valente aos imperos da morte ;
 Em vão vereis esta alma soçobrada
 De tragicos successos contrastada
 Esta alma que no bem e mal vos cegue
 No bem de vos querer , e não se negue

Aos mais bens o epíteto de nocivas
 Melancolicas sombras fugitivas
 Esta alma, q por vós se anima, e passa
 Pelas sanguineas bocas da desgraça;
 Esta alma que com intrepida inteireza
 A mão não dá a feminil fraqueza;
 Esta alma... não sei mais q dizer possa
 Esta alma, que depois de Deos he vossa.

D. Ignez. Dos mares turbulentos o perigo,

Do malevolo tempo o desfabrigo,
 O funesto, e profundo sentimento
 As esperanças vans de salvamento,
 A fome, a cede, horrivel tormentosa
 A fervida implacavel, e danosa.
 Espaço medonha, e rouca grita
 Daquelles de que á morte se abita;
 De tanto horror, q em largas horas vi-

mos

Recahir sobre nós, que em vão detemos
 Nada nos ha pezado, duro, e forte,
 Quem vos olha a si chama feliz forte:
 Vosso semblante, vossas sãs palavras
 As desgraças sujeitão por Escravas.
 Oh sã virtude! grande Deos q a desfe
 Della esta alma depositou fizeste!

Sepulveda. Da fortuna cruel, quem
 a vil manha

Poderá desfazer, se assim se aplanha
 Para abater-me, tendo me subido
 Ao levantado Throno, seu siagido;
 De côr muda, qualquer agil instante,
 Ora alegre o malevolo semblante,
 Ora affia, e mostra carregado:
 A horrida miseria transformado
 Atribula o que os cafres possuia
 Do brilhante ouro: em hum só mesmo
 dia

Diversas apparencias vai mostrando
 Em sua roda, que trémula gyRANDO
 Huns pelos ares, luzidos enerra,
 Sepulta outros na escurecida terra:
 Tu Sepulveda, em rapida mudança
 Do bem ao mal passaste: a esperança
 Do perdido sômente em vós sustento;

Veja a cruel fortuna, que inda tenho
 Nos míseros trabalhos, que supporto;
 Nessa vossa alma o unico conforto;
 Dos bens, que me tirou fera enganosa
 Eneante avara, perfida invejosa,
 A offensa lhe perdo-o, com elles corra;
 Outro bem me restou que me socorra
 De mais preço, e valor; de mais ventura
 Sendo igual na virtude, e formosura.

Castro. Mas dos Cafres, hum nume-
 roso bando

Sinaes de paz fazendo vim chegando.

Sepulveda. Amados Companheiros,
 á constancia

Ajuntai, ajuntai a sabia vigilancia:
 Huma negra alla aqui se nos apressa;
 Se aos peitos Lusitanos se arremessa,
 Mostrai Luzitanos o valente,
 Alçado o braço na inimiga gente:
 Mas della a maior parte desfarmada
 Sem governo, mas sim desordenada,
 Com trigeiros de paz a nós se chega:
 Ou cesse a turba escura, feia, e cega.

Sabe Golla, e Cafres.

Golla. Que buscais por aqui estranha
 gente,

Por climas tão remotos do Oriente?

Quem sois? o que quereis por entre os
 nossos?

Onde vindes? q intentos são os vossos?

Quem vos traz por caminhos desusados
 De fuzilantes armas adornados?

Que Reino, ou q Provincia he Patria
 vossa?

Porque vindes assim sem medo á nossa;
 Habitada de gente negra escura?

Dizei se quereis guerra, ou paz segura?

Sepulv. Christãos sonhos, de Chris-
 to a fé sagrada,

Que em nossos corações vive exaltada;
 Com respeito profundo professamos;

Morreremos por esta, que adoramos:

O Reino Portuguez filhos nos chama,

Nos,

de Sepulveda.

Nosso valor por uso canta a fama :
Aqui nos aportou grave fortuna ,
Aos naufragos miserrima importuna :
Terríveis tempestades , as acerbas
Forças do cruel vento , ondas soberbas
Como cousa odiosa aborrecida
O profuso mar na endurecida
Fragosa terra a nossa Não embate
Em pedaços desfeita , onde abate
E á força quebra a onda levantada
Na costa das altas rochas rodeada :
Alli portámos com a custosa lida
Cada hum salvando co' esforço a vida ;
Trezentas legoas temos caminhado
Por caminhos de feras só trilhado ;
Não pretendemos guerra , a paz quere-
mos ;

Se tendes mantimentos , vos daremos
Por elles a valia que quizerdes ;
Terás de nós o bem que apetecesterdes ;
Ensinai-nos tambem o bom caminho
De chegarmos ao Rio mais visinho
Dagua de boa paz , assim chamado ;
E crede q' haveis de ser bem premiado
De tanto beneficio.

Golla. Se remedio
Quereis buscar a tão medonho acedio ,

Apóz nos outros vinde , este caminho
Que vos guia ao Monarca , que visinho
De nós reside : elle he Senhor , e pôde ,
Aos que tem menos , generoso acode ;
Sereis delle com honra recebido ;
Abrigo vos dará justo , e devido.

Sepulv. De meus trabalhos , grata
Companhia *a D. Lecnor.*
Vamos ver se da misera agonia
Da cede , e fome , se encontra a ruina
cetta ,

No pouco crer , despreza-se a fortuna ;
Huma hora he infeliz , outra importuna ;
Avante vós de vós : bem reconheço
Que incerto he o fim das cousas , e suc-
cesso

Dó mal , ou bem futuro , a nós occulto :
Santos , Profetas , este santo indulto ,
Em já passados seculos gozárão
Vindouro bem , e mal profetizárão :
Pois temos que passar casos tão varios
De tal grandeza , tão extraordinarios
Que não comprehende o nosso juizo es-
curo

Chamar sempre a Deos , he o mais se-
guro. *Vão-se.*

A C T O II.

S C E N A I.

Casa do Rei Cafre.

Sofalla , e Cafres.

Sofalla. **R** Edobrado castigo tor-
mentoso ,
Expremente o que pouco temeroso
Ao meu Edito , no lugar que eu moro
Se aventure a roubar ; eu não ignoro
Que meus antigos Pais livres deixavão

Os passos para aquelles que roubavão ;
Mas eu tão vil costume não approvo :
No lugar onde habito , deixe o Povo ,
Que vive de roubar , este costume ,
Senão de fachos o incendiado lume
Seus membros lhe consumma , eu lhes
concedo

O gosto de roubar sem susto, e medo
 Em outro lugar aonde levantada
 Não veja minha longa, e leal morada.
 Mas, Golla, Capitão de meus soldados
 Destruídar de immensos levantados,
 Que foi reconhecer a estranha gente
 Do meu alto poder pouco sciente
 Porque assim tanto tarda? se demora
 A sua vinda, o tempo só de hum hora
 A duros troncos seja maniatado,
 E morra á fome, e sede esperado.
 O dia mais feliz, que me parece,
 Entre os muitos q' conto, e q' merece
 De mim este epíteto pouco usado
 He quando da justiça o braço alçado
 Levanto sobre os Cafres, feliz dia
 Em que os vejo bramar na escura, e fria
 Horrendíssima morte, nos tormentos
 De retrocidos páos, lubris inventos
 Da minha astuta idéa: entre os mais Reis
 Que são obedecidos, que dão luzes,
 Desde onde o Sol levanta o carro ardente
 The as portas remotas do Ocidente,
 Pertando o grande nome de primeiro,
 Mais barbaro, cruel, mais justiceiro.

Sabe Golla, e Cafres.

Golla. Sofalla, gran Senhor!

*Sofal. Porque tardaste,
 Que de repente Golla não voltaſte?
 Golla. A gente examinei depressa, e*

estranha
Devila da daquella alta montanha
Pela turba de espertos vigiadores,
Dos bês dos teus contrarios roubadores.

Sofalla. Que pretendem?

Golla. Senhor, pedem abrigo
Pois o contrario mar, seu inimigo
Nas costas os lançou: desfeita, e rota
A Não, em que seguirão sua derrota.

Sofalla. Onde nascêrão?

Golla. Lufos se nomeião
Estes que perdidos arrodião
Tuas terras.

Sofalla. A côr?

Golla. He branca:

Sofalla. O traje?

Golla. Do nosso he mui differente,
mas de cores

Alegres vam vestidas: os maiores
Trajão só ricas sedas, guarnecidas
De ramos de ouro, e prata, q' tecidas
São lá nas longes partes do Oriente
Pelas geitosas mãos da India gente.

Sofalla. Que qualidade, ou fórma
de armas trazem?

Golla. São daquellas, Senhor, que
atroz fazem

Pelos ares no fogo, que despedem,
Que ainda ao estrondo da trovão excedem.

Sofalla. Quantos são? e quaes são
seus movimentos?

Golla. O cumpeto farão só de duzentos:

Seus gestos agradaveis, brandes modos;
E quanto n'hum se vê, se observa em todos.

Sofalla. Desses trouxeste alguns, e
vem comigo?

Golla. Seu grande maioral, trôxe coa
migo

Outro com elle vem seu conselheiro
De aspecto amavel, d'animo guerreiro.

Sofalla. Cumpre depressa Golla meu
preceito

Deixa-me prontamente satisfeito
Em ver isso que dizes: sim eu quero

Vai se Golla.

Observar, se no astuto engano impero
Agasalho darei á estranha gente:

Depois a levarei occultamente

Ao lugar da vil morte atormentada
Sendo depois dos Cafres meus roubada:

A Golla ouvi dizer, de que a piedade
Vale mais do que a mesma crueldade:
Que tenho eu com huma cousa, ou ou-
tra? eu quero

Q meu gosto he sómente o que venereo.

A hum mando matar , porq̃ me enfada ,
Outro enriqueço porq̃ assim me agrada ,
Anda unida com o Rei a liberdade ,
Ninguem constangirá minha vontade ,
Se me visse a alheia lei sujeito .
Regava com as proprias mãos o peito .

Sabe Golla , Sepulveda , e Castro.

Sepulv. Grande Rei , a teus olhos
rns presente

Hum bando de dispersa , triste gente
Do Portuguez Imperio filhos (omos
Nascidos , e educados nelle fomos :
Lá do Chim Cidade portentosa
A quem do Genge a furia Caudelosa
Por muitas partes banha , aonde a santa
Fé de Christo se adora , aonde tanta
Verdade se pratica , onde se enerra
Tanto ouro , e prata , em tudo fertil
terra :

Partimos dando ao mar , e ao sutil vento
Resistencia n'hum lenho corpulento ,
Que desfazendo a falsa via , dava
Imbate as ondas quando as soperava
A Gran Lisboa , Corte respeitavel
De todo o Luzo Imperio Veneravel
Cabeça de mil coroas perseguida ,
De todas triunfante , não vencida ;
A Gran Lisboa , diga levantada
Na parte Occidental , onde regada
Do manto undoso christallino Tejo
Brota aos seus moradores , de subejo
Os saudaveis frutos saborosos .
Onde do Sol os raios luminosos
Com menos ardor ferem , onde o fumo
Poder d'alta virtude reina , o rumo
Da nossa gran derrota , fera impia
A'quellas longas praias se estendia :
Depois de longos dias da partida ,
Dos ventos a contraria horivel lida
Os mares de continuo revoltando ,
Hião mil golpes no rijo lenho dando ,
Desta molesta crua tempestade
Resurge outra maior , porque não hade

Ver-se hum mal , q̃ apoz elle senão veja
Outro , que de maior , mais presso seja ,
Depois de longos dias trabalhosos
De Porto , e salvamento desejosos
Aquelles q̃ do mar atormentados
O sustento enojávão , demudados
De cor , de parecer , subio de ponto
Então nosso infortunio (triste conto
Que ha de ser memoravel nas idades ,
Entre os casos fataes de adversidade
Começou a turbar , o Ceo bramindo ,
Sua extensão de negro horror cobrindo ,
As congeladas pedras despedia
Envoltas de agua turbulenta , e fria ,
Com espantoso estrondo se rasgavão
As corpulentas nuvens , que lançavão
Com funesto medonho mouu ingente
Do raio devorante o fogo ardente ,
O vento da agua , e fogo combatido
Alli mais desenfreado o seu partido ,
Com elle aslanha as ondas cripitantes
Que levantando a Náo , com os incessan-
tes

Encontros , de huá parte , e outra davão
A' Náo desmancho , quão a sepultavão
Hora no mais profundo do seu centro ,
Hora entre o rigoroso , e mais cruento ,
Mais duro dos escolhos aguçados
Por entre as graças ondas levantados .
Desfeita a corpulenta Náo , fahirão
Estes corpos , que a horreda morte virão
Desconjuntados corpos , e feridos
E porém de hum são espirito revestidos
Huns nas jangadas , mastros estalados ,
Outros nas longas toboas resalvados
Das grossas endas , outros sacudidos
Outros nas rochas asperas subidos ,
(Oh tu , oh grande Deos , que em tan-
ta lida

De males differentes , esta vida
Livraсте resurgida de aslanhados
Agonizantes mares levantados !
Novo favor a tua piedade imploro ,
Até lume que firmemente adoro
Favorece a expressão triste , e sentida

De meus successos tragicos nascida,
 Que demora o triste sentimento
 De qualquer peito de piedade isento.)
 Junta a multidão da falsa gente,
 Desfalecida, pobre, e discontente
 Determina partir por agros montes
 Buscando então remotos Orifontes
 Hum rio de agoa de boa pás chamado
 Por ver se embarcação nos mostra o
 fado

Que nos transporte a terra desejada,
 Onde seja dos Luzos emparada.
 Cinco mezes por tão estranhas terras,
 Por altos montes, por fragosas ferras
 Caminho desta gente acompanhado,
 Sem lembrança de melhorar de estado;
 Da cede, e horriavel fome perseguidos,
 Temos visto morrer desfallecidos...
 Lembro aquellos q' a traz de nós ficarão
 Onde entre feras a sepultura acharão:
 A rúrba agua dos charcos amargos
 Dos tanques denegridos, e lamosos
 A cede morigava a triste gente
 Dos ardores do Sol crestada, e quente
 Dos subejos que o mar de si vomita
 A consternação nossa necessita,
 E das feras os ossos escarnados
 Nos incendidos fogos estalados
 Depois de bem tostados, e desfeitos
 Calor davão aos quebrantados peitos,
 Algum tempo em delicias envolvidos,
 Hoje de mil misérias só nutridos;
 Assim, Senhor, de quanto precisamos
 Prover nós manda aos teus: em totna
 damos

O ouro, e prata, o ferro, o q' quizerem
 Como lhe for mēlhor como elegerem
 Fazendo menos aspero, e tyranno
 O teu ser piedoso, o nosso damno.

Sofalla. Serás agazalhado com bran-
 dura

Entre o poder da multidão escura,
 Prover te mandarei de mantimentos:
 Mas estes fuzilantes instrumentos
 De que se adorna a tua branca gente

Os pódes esconder occultamente;
 Pois os Cafres de velos temerosos
 De obedecer-me fugirão medrosos;
 Em parte os põem segura, e recatada,
 E quando proseguires a jornada
 Deste rio, q' ha tempos andas buscando
 Toma posse então delles: ensinando
 Te hitá hum dos meus Cafres, o ca-
 minho

Deste rio, que aos meus fica visinho:
 E por melhor prover a tua gente,
 Queixosa, despresivel, e descontente.
 Por diferentes lugares, não distantes,
 Determino alojalla: aqui bastantes
 Mantimentos não ha que chegar possão
 A quantos vena contigo. Os bens que
 adoção

A boca ao desfazellos, lá se crião,
 Lá se gerão melhor, de lá se envião
 Para o sustento meu: perniciosos,
 E aos estranhos inda mais damnosos
 Os frutos aqui são: nas bocas travão;
 E nas gengives secas, golpes lavrão.
 Se tu, Lusio, ficar queres comigo
 Em meu Palacio, te darei abrigo,
 E mais vinte dos teus, quates tu quize-
 res:

Os Cafres com mil festas, e prazeres
 Hão de os teus hospedar; basta que
 deixem

As armas escondidas, não se queixem
 Contra mim q' confinto os teus armados
 Por entre minhas terras, meus estados
 Com armas dos meus Cafres tão temi-
 das;

Em mão de gentes tão desconhecidas,
 Assim, se abrigo, e mantimentos queres,
 E quanto desta terra appereceres
 Até de Goa vir Não que te transporte
 A esta gran Lisboa em melhor sorte,
 Meus conselhos abraça; isto te digo,
 E reconhece em mim hum bom amigo.

Vão se, e os seus.

Sepulv. Aconselha-me, Castro, que
 faremos

Para o mal serenar? onde vivemos!
 As armas deixar-mos escondidas
 Dos Castres respeitadas, e temidas?
 Serão estas promessas vãs, erradas,
 E de occulto veneno inficionadas?
 Verdadeiras serão? será fingida
 Aquella singileza apparecida
 No rosto desse Castre? muitas vezes
 Corte o temor com rigidos revezes
 A prospera fortuna pois deixemos
 Tanto temor, e as armas occultemos:
 Demos descanso á consumida gente
 Que em tão remotas partes do Oriente
 Caminha ha longos tempos, este o ara-
 lho
 De fugirmos ao immortal trabalho
 Em que estamos gemendo; se outros
 damos

Inventa a cruel sorte, mais tyranos
 De tantos quantos temos supportado,
 Venha em vão ao d'sgraçado
 De espanto servirão os cavalleiros
 Horrores de successos lastimosos.

Castro. Posão, Senhor, se as armas
 escondemos

Para os enganos que defença temos?

Sepulv. Nós lhe faremos firme resis-
 tencia.

Castro. Com que forças, Senhor?

Sepulv. Com as da paciencia,
 Armas felices, armas triunfadoras
 Nunca vencidas, sempre vencedoras.
 A' trefca sombra das arvores crecidas
 Mitigando do Sol as incendidas
 Labaredas, os nossos descansarão
 Na entrada do lugar onde ficarão,
 Correi, Castro, a dizer-lhe, q' hospedado
 Estou deste bom Rei: se o metmo fado
 Que o Ceo me destinou seguir perten-
 dem,

Comigo ficar podem, os que entendem
 Achar melhor estrella: mais avante
 A carreira porreigão: quem constante
 Noticia me trouxer de que Navio
 Aportou nelle suspirado Rio

Que ha tempo procurarmos; nãil cruza-
 dos

Em ouro lhe prometo: os mais cança-
 dos,

Os mais saltos de forças, q' quizerem
 Ficar comigo, quanto apeterem
 Dos meus bens obterão: dellas a posse
 Lhes facelito já, como se fosse
 Qualquer dellas meu filho, mas lhe
 peço

Que as armas acautelem, se mereço
 Tão distincto favor, pois rececos
 Do seu poder os Castres temerosos
 Os seus Corpos molestos quebrantados
 Negarão o sustento acautelados.

Castro. Eu já parto a dizer-lho. *Vai-se*
Sepulv. Amigos tempos,
 Vinde, lagi de nós vís contratempos
 Da incançavel fortuna rigorosa,
 E outra aura respitemos mais ditosa.

Sabz Golla, e Castres.

Golla. Do meu Rei o mais cômmo-
 o apozento

Para ti se alcança, o seu intento
 He mostrar q' alcançou d'elle piedade
 Do teu destino a triste adversidade:
 De vinte tozes das trais bein nuvidas
 Entre as tuas manadas escolhidas
 Presente elle te faz; tambem ordena
 Aos seus Castres com tremebunda pena
 Não vendão nada aos teus por maior
 custo

De quanto a porção valle, q' for justo:
 Em seu Palacio ficas hospedado
 Do numero de vinte acompanhado;
 O resto dellas teus cômo ordenares
 A vinhos mais prosperos lugares
 Conduzidos serão, onde providos
 Dos laboresos frutos escolhidos
 Não mais lastimarão os desgraçados
 Infortunios, per elles já passados.
 As mulheres Lusidas, e mimosas
 Mais brancas que as ondas esumosas

De venerandos Cafres conduzidas
Brevemente serão aqui trazidas;
A teu lado as verás, terão contigo
Nesta real morada grato abrigo.

Sepulv. Dirás ao teu Gran Rei, on-
de tanta

Magnanima bandade se levanta,
Que por fixo final de que queremos
Soccorro, e paz, as armas escondemos
Que a seu percego, em fim, nos en-
tregamos.

E por Vassallos seus nos confessamos.

Vai-se Golla, e os seus.

Do semblante da prospera fortuna
Não devemos fugir: ella opportuna
Se mostra em favor nosso: recebamos
Esse bem aprasivel, e escondamos
De nossas incertezas os temores
Na calladã prizão dos interiores:
Meu coração affavel bem procura
Do carcere soltar-se em q' a perjura
Fortuna o opprime, e prende; elle respira
Santas renções, o alto Deos lho inspira
Este modo de obrar quem falsamente
Se apudera do bem quáo de repente
O chorará perdido; recebamos
O bem que a nossos olhos divisamos
Com alma pura solta da maldade
He dom santo, e feliz sinceridade
Nos corações humanos: quáo visinho
Ao Ceo aquelle está que chão caminho
Livre de alios barrancos piza, e corre
No fim da longa estrada quando morre,
Para o gosto do mundo, hum premio
digno

He de encontrar a seu viver condigno.

*Sabe D. Iñez, D. Leonor, e os dois
filhos.*

D. Iñez. A mão armada da funesta
forte
(Amada Prima) menos dura, e forte
Refuge a nossos olhos neste dia
Da incançada, incommoda agonia

Que ha tempos nós rodeia, Deos atende
As deprecações tuas.

D. Leonor. Quem me renda
Com solidos favores, quem desvalta,
Iñez, o grande mal, que opprime, e
arrasta

Este meu coração a tudo forte?
He meu amabilicimo consorte;
Meu Sepulveda...

Sepulv. Esposa, filhos meus
Livres da vil malicia, alma de Deos
Essa vossa innocencia he quem defende
Este resto de vidas, que pretende
Sepultar o malevolo destino,
Com despiadado horror, braço terino;
Mas hoje algum successo nos promete
Este Cafre boni Rei: quáo bem reflecte
Em seus gestos affaveis moderados
Vê de seu coração os predcados;
Elle aqui nos franqueia generoso
Hum brando amparo: menos rigoroso
Vemos hoje o destino; que providos
Diz, que havemos ser dos escolhidos
Frutes q' elles mais gostão: sentimento
Em seus olhos mostrava, quando attento
Inclinava subtil, o esperto ouvido
A' vós que relatava o succedido
Nosso acontecimento; que podemos
Dilatar-nos em tanto que não temos
Noticia do Navio que transporte
A nossa cometiva; menos forte
O mal nos apparece com a esperanza,
Que depois da tormentia vem bonança.

D. Leonor. Depois da gran tormenta;
oh como he bella

Aos olhos no alto Ceo qualquer estrella.

D. Iñez. Hum breve amparo em
tanta desventura

Hum dom julgamos grande da ventura:
Feliz aquelle que entre os incendiados
Soberbos Edifícios levantados
Perdendo seus thesouros, sahe com vida
Da vorás labareda desfimida;
Nós inda em tanta força de pezares
Pizando esteris terras, vendo mares

Tu-

Tudo a nós inimigo, bem podemos
Chamar-nos venturosos, q'inda teiros
Estas vidas salvadas dos pedaços:
Mas no Cafre a vontade, he hum dom
Incerto,
Nelle a maldade tem abrigo certo.

Sepulv. Eu solto lhe vi o coração de
engano,

Amavel o amei, e não tyranno
Astuto examinando o genio, e modo
Com que fallava aos seus, li nelle todo
Hum de virtude singular treslado
A' nossa estranha gente, o mesmo agrado
Mostrou quando a medio com aspecto
brando,

Fuja de nós, fuja o temor voando
Que já mais branda sorte nos convida
A novo bem, de nós compadecida.

Sabe Castro.

Castro. Derramei sobre os nossos o
preceito,

Diligente corri, e ó gran respeito,
Souverão venera lo, e complemento
Lhe derão num subtil, agil momento,
As defençoras armas occultarão
E aos poderes dos Cafres se entregarão
Os nossos desarmados, repartidos
A differentes lugares conduzidos
Elles forão...

D. Leonor. Ai triste! que disseste!
Sepulveda, meu bem, o que fizeste?
As armas se escondêrão? desarmada
Nossa gente apparece entre a malvada
E escura multidão de Cafres brutos?
Onde a malicia reina; onde os astutos
Vís enganos dominão; ai perdida
A esperança feliz de melhor vida
Neste ponto cruel te remontaste
Para sempre de nós, e nos deixaste
Perpetuo o mal antigo! que fizeste
Meu Sepulveda? Castro que disseste?
Occultarão-se as armas que tem sido
Detenta deste resto enfraquecido?

As armas se occultarão, tão temidas
Das roubadoras turbas denagradas?
Que pode defender-nos quando sabia
Dos Cafres a malicia ao campo, e cahia
Seu poder sobre nós? atravessados
Seremos de seus ferros, e roubados
Pelas mãos da cobica, que os apanha
A execravel desventurada manha:
Não fallo por temor, nem assombrada
Da imagem fica aos olhos levantada
Em meu funesto fim; o vello temo
Por vós, por estes filhos: gello, e tre-
mo,

Hum bando de semblantes descorados
De medonha tristeza carregados;
Huns corpos quebrantados, escolhidos
Sem força, engenho de espirito tão no-
vidos

Vejo ante meus olhos; sobre a triste
Chusma dos nossos, vejo que presiste
Da maldade o braço levantado;
Dos Cafres vejo hum bando accelerado
Em tropel vergonhoso, em turba afflicta
Rompendo os ares com medonha-grita
Despojar-nos das roupas consumidas
Que os membros nos cobrem; vejo er-
guidas

Das obstinadas mãos de força armadas
Contra infelices peitos levantadas,
Deslacerando feras inclementes
Estes nossos penhores innocentes,
A deter lhe a mão impia, o Esposo
corre

E como Pai com os filhos se une, e
morre;

Escuto dos que matão os alaridos,
E ouço dos que espirão os gemidos,
Dos nossos vejo o tumegante sangue
Empollado na terra, e vejo exangue
A companhia chusma sem defenza
Aos ímpitos da multidão immensa;
Procura os tenros filhos, o consorte
Nas mãos cru is da tormentosa morte
Com elles foge, e percatada ordena
A mim deixar-me livre, por mais penas.

Sepulv. Mas que pôde fazer estranha gente

Em terras tão remotas do Oriente
De fome, e cede horrível p'cegnida
De damnosos trabalhos combatida?
Senão cortar por caos desfeitrados
Nas tristonhas idéas levantados,
E ver se aportar pôde em fixa terra
Do mar fugindo a naufragante guerra?
Eu vos vejo Leonor, parte querida
Desta alma, que vos ama, entre a fadiga
Mizerrima do mal com p'ito puro
Resistir aos seus golpes: mas quão duro,
E quão pezado, he ver os delicados
Membros, que vos adornão, carregados
De verdadeiros males lastimosos,
Que o Céo provêra fossem fabulosos,
Dos amargosos frutos, ver trilhados
Os vossos tenros labios, ver pizados
Vossos olhos formosos, das choradas
Grossas lagrimas delles derramadas!
Vir em torno de mim, estes pinhores
Dos mais tristes, porém Castos amores,
Lançarem sentidissimos gemidos
Dos fracos debeis peitos consumidos
Ver arder-lhe as entranhas desgraçadas
Da fatal sede, e fome recatadas
Sem lhe poder valer na mortal lida
Hum Pai-ô o ser lhe deo, q' lhe deo vi-
da!

Que devia eu fazer tendo presente
A feia triste imagem descontente
Da incangavel desgraça aos olhos meus
Senão pôder o medo ao perigo, e a
Deo!

As vidas offerecer tão arriscadas,
Do que a meus olhos vêlas estoladas:
As armas se occultarão; tão tyranno
Tão barbaro, tão cruel, tão desumano
Nos ha de ser o Cafre, que inclemente
Nostra desgraça pôs lo-acrescente
Aos ajustes faltando prometidos
Sobre nós derramando os escondidos
Venenos da malicia? não aquelle
Rosto não he traidor: brandura nelle

Brilhante respirava; as carregadas
Turbas feições, não tinha finaladas
Em traidores semblantes: eu nelle rodo
Li brandura; vi bom geito, e modo,
Primeiro desta acção executada
Trabalhou meu discurso, e levantada
Subio a minha idéa ao firmamento
Para no coração hum sentimento
Divino me inspirar a mão Divina
Nesta empreza que esta alma criminosa.
Olhei o coração desapegado
De receios, em Deos só confiado,
Vi q' assim me inspirava; e qual doente
Que com mal baralhando diligente
O licor amargoso vai bebendo
Os ardores dos causticos soffrendo,
E as agudas lancetas rigorosas
Que suas veias rompem sanguinosas
Por dar alivio ás ancias que padece;
Nada receia, a tudo se offerece:
Sepulveda em seus miserios trabalhos
Buscando mil remedios, mil atalhos
A seu tyranno mal nada regeita,
Quanto julga remedio, quanto accetita
Qual misero doente com a esperança
De melhorar, em Deos tendo confiança.

Sabe Golla.

Golla. Dos Cafres, o Senhor fica
esperando
Por vós: vinde comigo; hirei guiando
Os vossos passos.

Sepulv. Vamos: vós que nesta
Tormenta de trabalhos tão funesta
Inclementia passais, olhai atentos
Para as forças do tempo; a seus violen-
tos

Tiros ninguem resiste, tudo arrasta,
Tudo desfaz, consome, tudo gasta;
Grandes perdas, e damnos, gran tor-
mento

Grandes desgostos dá ao esquecimento
Grandes tristezas cura, e torna amavel
O mais feio, aspero, e irritavel:

Rom-

Rompa-se o mente escuro, e tenebroso De que mais brando o mal nos appare-
Que assombra nossas almas; o ditoso ce
Tempo destragador de acerbos damnos Neste dia que o Ceo nos favorece.
Nos dê luz nova, e novos defenganos Vão-se todos.

A C T O III.

SCENA I.

Casa do Rei Cafre.

Sofalla, D. Leonor, e D. Ignez.

Sofal. **A** Lto puder mulher, tem Que torna brando aos ímpitos de hum
teu semblante; fero
Que sobre os meus costumes dominante Impenetravel peito: comprar quero;
Os obriga a abraçar fraca ternura Dou-te o meu coração, os meus pude-
Tão alheia da luz; fera e dura res,
Aspera condição: vil natureza Dou-te quanto mulher apetece-
Porque ás outras negaste esta belleza: Serás dos Cafres a immortal Rainha,
Este grande poder! eilas mulheres, Ter quero a gloria de chamar-te minha.
Que me adornão de festas, e praferes *D. Leonor.* Senhor, a vossa offerta
Nunca Senhoras forão da vaidade generosa
De sujeitar a si minha vontade; Pode a outra, a mira não, fazer ditosa:
Tu só minha fereza me quebrantas; Não a devo acceitar.

D. Leonor. Quem, Senhor, te de- *Sofalla.* Pois desgraçada
move a tal brandura Desejas antes ser que affortunada?
He minha incomparavel desventura Mulher, tu que isto observas, conje-
E não a gentileza de meu rosto clura,
Onde as imagens morão do desgosto Se não pareceo filho da loucura
Que nenhum semblante cheio de tristeza O desprezo que faz da minha offerta.

Já mais em tempo algum se achou bel- *D. Ignez.* Em quanto assim obrar,
leza. de boa, e certa

Sofalla. Hes rão bella mulher, hes Doutrina santa, com q foi criada
tão formosa Mostra ser filha, filha affortunada.

Como a clara manhã, como a ditosa *D. Leonor.* Senhor, a lei que sigo,
Suave viração na ardente tarde, não peemine

Quando a terra em vorazes chammas ar- Que dessa tua offerta me abelire.
de; *Sofalla.* Pois que tem tua lei com
meus favores?

Esse não visto ar nas do teu sexo, Que use eu de piedade, ou de rigores?
Amavel ar de tão subido preço A ella que lhe importa o quanto faço?

Não

Não quero leis que sirvão de embaraço :

Governe tua lei no que for seu,
Quem a mim me governa he o gosto meu :

Accêita pôis a offerta generosa
De huma luz que te faz tão venturosa,
E se a tua o contrario te demanda
A minha por mais bella assim te manda.

D. Leon. Mas, Senhor, minha lei...

Sofalla. Essa tua lei

Não tem poder comigo: não darei
Ao que ella manda, hum só consentimento;

Mas ella que requer? ou com q' intento
Procura despenhar-te? onde nasceo
Essa lei tão contraria ao gosto meu?

D. Leonor. Hum Senhor poderoso,
alto, e profundo;

Que a máquina creou do vasto mundo;
Deos verdadeiro, fonte de bondade,
Luz immortal de toda a Christandade:
A lei que fizo deste Deos foi dada
No mundo, lei de graça, assim chama-

da, Fieis ao seu Senhor, huns abraçarão
Outros por inficis a desprezarão;
Outros as leis seguindo do seu gosto...

Sofalla. Ellas estimo; las mais me
dão desgosto:

Se eu essa lei seguisse do teu Deos
Seria mais que fou por entre os meus?
Seria mais temido, e respeitado
Do contrarion, ferdz, do levantado?
A vontade domar? dobrar hum peito
Contra as forças de hum gosto? ver des-

feito
O suave prazer de hum apetite?
Triste lei q' tal quer, que tal permite!

D. Leonor. O que as forças constran-

ge da vontade
Que não se ajusta á lei, na eternidade
Este Deos q' a deitou, hum regio assento
Lhe prepara no seu santo firmamento.

Sofalla. Que he firmamento? que
he eternidade?

Não me confundas; dize-me a verdade.

D. Leonor. Firmamento he, Senhor,
santa morada

De prazeres, e glorias adornada;
Destinado lugar que Deos formou
Para quem as tuas leis cetero perheu.

Sofalla. Logo se eu outras ligo, es-

se lugar
Difficiloso me será de entrar?
Não poderei gozar dessa morada
De prazeres, e glorias adornada?
Duvidará o teu Deos de gloriar-me
(Sem que possa ás leis suas obligar-me)
Com o premio de mostrar-me ella gran-

deza?
D. Leonor. Se tu segues as leis da
natureza

Ella que te premêe, e satisfaça,
Que Deos premia filhos só de graça.

Sofalla. Pois já não quero ver essa
morada

Para os filhos da graça decretada,
Só por não contraher-me a lei diffente
Quando a meu gosto vivo, e estou con-

cente:
Mas que he eternidade?

D. Ignez. He huma vida,
Depois de nós morremos, concedida
A nossas almas; estas são eternas
Vivendo ou nas mazmorras sempiternas
De seu Deos, que as creou de gloria

cheias,
Ou nas moradas horridas, e feis
Infernal Permonitorio, onde a enraivada
Blasfemia reina ao fogo condenada;
Destinado lugar aos que saltarão
A' santa lei de Deos, e a desprezarão.

Sofalla. Mas que tem o teu Deos
(já incendido

O peito de furor, cobra o perdido.)
Porque razão não quer que sejas minha,
Que eu ao lugar te suba de Rainha?

E que por dar-te tanta Magestade
Seja Senhor da tua liberdade?

D. Leonor. Porque manda, q' a hum
só sacrificuemos

O tudo quanto somos; não devemos;
Pois da propria vontade foi eleito,
Deixar aquelle, amando hum novo pei-
to:

Sepulveda elegi para este laço
Com suas grandes virtudes satisfação
Todes os goslos meus: elle constante
Segura a firme té de puro amante;
Estes dois corações de amor rendidos
Demonstrão ser hum só, tão bem unidos:
Nadadiua, Senhor, que tu me offertas
Para huma traição feia me despertas:
A teima desvanece fera, e ingrata
Olha que manchas união tão grata
Como no bando d'Aves sonorasas
Do Gavião as garras cobigosas
Que as que lhe escapão deixa intemi-
dadas

E as que mel segurou despedaçadas,
E outras de suas furias inteira preza
Triste alimento são da sua braveza
O agil cassador, que vê roubadas
De seus tiros as aves procuradas
Com o odio descarrega no inimigo
Senhor da preza, o golpe por castigo:
Ouve-se o tiro, e vê-se de repente
Senhor, a preza morra juntamente:
Estes são da cubica os delenganos
Que te mostro, Senhor, em tantos dam-
nos:

Se as pretendes seguir, meu peito fere;
Mas quem mal obra triste fim espere:
Esta união, do mundo maravilha
Em peitos virtuosos realça, e brilha;
Ella faz parecer ditoso o mundo;
Ella affasta a tristeza do profundo
Centro de hum alma afflicta, ella as
nocivas

Tenções desfaz de idéas inimigas
De assombro ao discurso preocupado;
Della o mimoso fruto desejado

Nasce em doces porções, a que chama-
mos

Filhos, e por vergontas nossas damos
A' sua tenra idade o tratamento
Preciso, e delicado, em seu augmento:
Nós as vemos floridas, e vistosas
Plantas felices, plantas venturosas
Não só serem do mundo a primavera,
Mas subitem a christallyna Esfera.

Sofalla. Não pôdes desfazer-laço tão
forte?

D. Leonor. Quem pode desfazello
he só a morte.

Sofalla. Pois a morte darei ao teu
eleito,
Porq' adores de novo, hum novo peito:
Sepulveda terá...

D. Leonor. Triste de mim!

Sofalla. De seus trabalhos, com sua
morte o fim.

D. Ignez. Porque o queres matar?
Sofalla. Por embaraço

De hum gloria de que me satisfação.

D. Leonor. Affasta tal idéa da me-
moria,

Pois essa gloria tua he horrivel gloria.

Sofalla. Não pôde téra ser, pois não
me enfada;

He formosa, he gentil, poiq' me agrá-
da;

Porq' he minha lhe chamas feia, e triste;
Mas dize, o seu horror em que consiste?

D. Leonor. He monstro de torpeza,
de fialdade

Huma gloria que offende a honestidade.

Sofalla. Se o lugar dar te quero de
Rainha

He pela gloria de chamar-te minha;

Tua lei ma desfaz: eu mostrarei

Se pôde a minha mais que a tua lei:

Até que vos negueis os mantimentos

Para os Cafres.

Fique eterno o mandato: os meus in-
tentos

São velos estalar; depois servirem

De

De pasto aos Tigres meus , para nutrir
rem

Com o quente sangue das inchadas
veias :

Torne a reinar meu genio de idéas
De hum fraco coração , a ira venha
As entranhas me accenda , e se detenha
No coração por ella dominado ;
Torne o rigor perdido a ser cobrado ;
De meu rosto as feições amortecidas
Vibrem de novo furias incendidas ;
Os olhos vivo fogo furtilando
Estejão hum novo mal perfeizendo :
Saia em minha esperção ardente , e
forte

O medo horrivel da funesta morte :
Tu me havias o genio aquebrantado ,
Mas tua lei me torna ao antigo estado ;
E se em ti recahir o duro pezo
Do raio que no peito ferve accezo ,
Então queixa-te , oh misera melquinha
Da tua lei sómente , e não da minha.

Vai-se com os Cafres.

D. Ignez. Já não pôde mudar de fe-
melhança

O nosso triste mal : huma esperança
Do bem , já nos não resta.

D. Leonor. Porém , onde

A meus olhos Sepulveda se esconde ?

D. Ignez. Na grata companhia dos
mimosos

Innocentes meninos lacrimosos
Ficou nesse apozento , na esperança
De lhes dar alimento : esta mudança
Repentina do Cafre nos segura
Não termos refrigerio na amargura
Do trabalho mal , que nos consome
As entranhas da morai cede , e fome ;
Mas Sepulveda vem.

D. Leonor. O claro dia
Só me amanhece na sua companhia.

Sabe Sepulveda.

Sepulv. De hum ao outro corre , e
vai passando

Do tyranno o fatal preverbo mando :
A venda dos preciosos mantimentos
Se nos nega.

D. Leonor. Tyrannicos intentos ,
Sepulveda , meu bem , vai demonstrando
Dos Cafres o Senhor ; o seu netando
Amor me confessou seu vil extremo ,
Eu de ouvillo tremi , e ainda tremo
De imaginar sómente que meu rosto
Pudeff. Idolo ser do seu vil goíto :
Ah fujaos , Senhor , á denoda la
Furia do Cafre a nós arremegada :
Vamos nova derrora perseguindo
Vai desse coração de hum Cafre troso
Onde reina hum amor escandaloso ;
Não premitais , Senhor , que meus ou-
vidos

Mais testemunhem feios atrevidos
Aff. Aos iníeis desventurados ,
Desviái meu temor , de tão malvados
Malevolos intentos , de deshonra :
Internaí assaltada vejo a honra :
Não he esta do mundo a joia illustre ?
Ha de espôr se a sofrer tão vil deslustre ?
O quente sangue , que nas veias gyra
Limpo , e claro , que deshonras só res-
pira ?

Afrontado será por destemidas ,
Barbaras expressões descomedidas
De hum Cafre , q' iras só viciando
Ultraja a santa lei , della zombando !
Destá , filha não fois ? do Ceo mandada
Para os fiéis , Christãos determinada ?
Escrita pela mão do meu Deos
Verdadeiro Senhor da terra , e Ceos ?
Não fois o meu fiel amado Esposo
Que inda em tantos trabalhos venturoso
O chama a fama illustre ? pois procura
A veneravel hoara ter segura
Ao coração ligada ! ah libartai-me
Como Christão , ah esposo meu , fal-
vai-me

De tão tremendo amor , os meus ouvi-
dos

D'ou-

D'outro affecto não torão mais feridos,
 Só o vosso escutei, com tal ternura
 Que esta alma lhe offertei para clausura
 Fiel que reservasse eternamente.
 Fojamos deste damno, e novamente
 Entremos a pizar diversa terra,
 Mas livres de tão feia, e dura guerra.
 Inda que fraca estou, póde a firmeza.
 Do meu espirito vencer minha fraqueza:
 Com os miseraveis filhos meus nos braços

Constante hirei seguindo os vossos passos.
 Vamos tragar de novo agrestes fructos
 Desses asperos Campos, matos brutos:
 Vamos de novo ver, Tigres irados,
 Leões ferozes, monstros estomeados.
 Caião em nossos membros consumidos
 Do ardente Sol os raios incendidos;
 Mas fujamos de hum bem escandaloso
 Que o Catre nos promete malicioso
 Indo fofrear trabalhos miseraveis
 Para os vindouros tristes, memoraveis,
 Que os bens sem honra servem de de-

honra,
 E os trabalhos nunca terão honra;
 Meus filhos vou buscar. *Vai-se.*

Sepulv. Este impensado
 Enfortunio, transporta o meu cuidado
 Ao mais ferino ponto da agonia,
 Para desgraça, para tyrannia;
 Mas vontade he da mão Suprema, e para
 Que layre neste clima a sepultura,
 O vosso agudo braço aos consumidos
 Nossos corpos, mil vezes submergidós.

Sabe Golla, e Cafres; hum com Cafres em que trazem perolas, coraes, e penachos tecidos de varias cores; e out os armas de seu uso.

Golla. Oh Sepulveda triste, onde viste!

Que estrella te guiou! onde trouxeste
 A tão mísera gente?

Sepulv. Que procuras

Amavel Capitão, que conjecturas?
 Pois cheio de agonia...

Golla. Tristes horas
 São estas para ti, que tu ignoras:
 Essa mulher, que por consorte chamas,
 Que entre as mais se distingue, e que tu amas

Afflicto busco; que me falle ordena.

Sepulv. Com seus filhos se apressa.

D. Ignez. Nova pena,
 Sepulveda, restava á tua sorte.

Sepulv. Bem a vejo.

Sabe D. Leonor com os meninos.

Golla. Mulher, trago-te a morte.

Sepulv. A morte de Leonor?

Tira a espada.

D. Leonor. Conforte amado

Suspende o fero impulso arrebatado;
 Esta morte me salva por clemente
 De algum novo horrendissimo insidente.

Golla. Nesse impulso, Sepulveda, repara,

Que inda estrago maior se te prepara.

Sepulv. Que estrago póde haver que iguale a morte

Que ante os olhos vejo da consorte!

Golla. Dos Cafres o Senhor, diz que abraçado

(Perdôa se te offendo, sou mandado)

Por ti de amor sentido hum duro effeito

Quer que o teu coração viva fugeito

Ao idolo supremo do seu gosto;

Assim o quer, assim o tem disposto:

Q' de tudo o mais raro, o mais precioso

Que conta em seu Reino magestoso

Te faz offerta: vê, da natureza

He filha quasi toda esta grandeza;

Que os Cafres são remissos perguicosos

Nem como os Indios podem ser geitosos:

Tens em fim observado? Vê repara

No mais que a vil fortuna te prepara:

De huma parte te mostra alta grandeza

E de outra só míserima tristeza:

Daqui coraes e perolas estás vendo ;
 Dalli fétas, punhais e horror tremendo ;
 Quando accites constante a grata offerta
 Diz o meu Rei, que pódes ficar cêta
 Do seu fiel amor, que arrependido
 Está daquelle ponto em que incendiado
 Contra ti do terror o viste armado,
 Que fiel te estima, brando, e sosegado ;
 E visto da tua Lei ser impedido
 Este amor que te offerta enternecido
 Pela fé que a Sepulveda juraste,
 E porque vive o mesmo, que buscar-te
 Para Idolo fiel da tua firmeza,
 Te diz, que não recuzes a grandeza
 Do seu bom coração pelo motivo
 De Sepulveda teu, inda estar vivo,
 Que logo sem ter minimo conforto
 O has de ver cahir a teus pés morto :
 Se lhe accitas a offerta, que descança,
 Em teu peito onde tem firme esperança;
 Quando a recuzes, barbara homicida
 Que Sepulveda ficará com vida
 Mas tu desses punhais atravessada
 Ficarás nest clima sepultada :
 Elege pois . . .

D. Leonor. Em fim, tenho elegido,
 Se o Grão Senhor dos Castres d'innadido
 Não está desta tenção escandallosa
 Que contra lei quer orgulhosa
 Quebrantar minha fé, e alim roubar-me
 De hum santo Esposo meu, e condemnar-me

Ao descredito vil; se ainda não bastão
 A quebrar esperanças que o contrastão
 Os soltos desenganos que envolvidos
 Da honra e lustre furirão seus ouvidos;
 Se de seu amor impio, e tyranno
 A recuzada offerta, o desengano,
 Desta sorte o recuo, e o desvanço.

Lança os Castres por terra.

Desse affêto impuro que aborreço,
 Venhão iras punhaes, monstros ferozes
 Que com fervidos impetos vellosos
 Deslacerando a huma contextura
 Em seu centro me dem a sepultura;

Não me assombra de horror antes gos-
 tolo

Este trance final chamo ditoso,
 Pois vejo nesta morte a mim devida
 Salva a honra, Sepulveda com vida.

Sabe Sofalla com Castres.

Sofalla. Pois ambos morreréis: oh
 lá cercai

Esse infeliz, e as armas lhe tirai.

Os Castres os cercão, e Sepulveda tira da Espada.

Sepulv. Mal podereis.

D. Leonor. Fazei Esposo entrega
 Da espada; sobre vós vejo carrega
 Dos Castres poder grandeciah eu vos pego
 Tão distincto favor se tal mereço.

Sepulv. A espada entrego. *Dá a espada.*

D. Ignez. Oh Ceo pio, pois hes clem-
 mente

Ampara, acóde á oprimida gente.

Sofalla. Não espercis amparo, pois
 vos guia

Huma mulher soberba, que posia
 Em seguir huma lei, que rigo oza
 Lhe affugenta os bens todos de ditoza:
 Eu dar-lhe quiz o nome de Raiaha
 Só pela gloria de chamar-lhe minha;
 Que a isto que amor chamão, tr burlesse
 A mim sômente, que alegre me fallasse;
 Tão nobre penção della queria
 Para ebier entre as mãs a primazia
 De mais bella, e gentil, della gostava
 Por isso o meu poder sacrificava
 Adversa vontade do seu gosto:

Já a hum fraco viver tinha disposto
 O proprio Ceração, mas enraivado
 Tieme dentro do peito exasperado
 Do desprezo que barbara me entrega
 Assim desacordada, leuca, e cega,
 E resurgir ha de ver duro tormento
 Que seu vallar acerte n'um momento
 Sem que gemidos, vózes lastimadas

Se-

Sejão de meus ouvidos escutadas.

Sepulv. Por escrava, Senhor, podes chamar-lhe,

E mil preceitos teus determinar-lhe;

Com aquelle amor serás obedecido

Que da boa amizade he só nascido:

Aquelle amor constante, que procuras

Para idolo teu, onde as mais puras

Chammas de amor offereças, não se ef-

con le

Naquelle coração, que he meu, a onde

Jurei de o defender a honroza gloria;

Deos mo entregou, e bem que a triste

historia

De meus males me chame desgraçado,

Não dirá que faltei ao ser de honrado:

Darei por defendello a propria vida:

Mais valia do Ceo lhe he prometida,

Que hum coração fiel ás leis sagradas

Do Ceo, do Rei, do Esposo, e Patria

amadas,

Que hum fiel coração, que em tantos

damnos

Limpo, claro reurge dos homanos:

Se me fossem mil vidas concedidas

Por este coração dera mil vidas.

Sofalla. Entre a fêra braveza, en-

tre a brandura,

Nesta inteliz horrivel conjectura

Combâte o coração, ora se infesta

Do venenoso ardor que o lava, e o cresta,

Hora por elle passa hum brandura

Que seu ardente fogo applaca e cura

Por ouvir (mil thesouros efferecera)

Os ais agonizantes de hum fêra;

Porém ao mesmo tempo me delvia

Deste gosto hum lei, que he tyrannia:

Hum lei, que nomeião da piedade

Tão alheia dos Cafres na vontade:

De meus olhos fugi, malvada gente,

Que pudeste fazer-me descontente;

Que huns ares para mim tão favoraveis,

Me pudesteis tornar desagradaveis:

Hide buscar caminhos desgraçados;

Fugi livres de mim, mas desarmados;

A cede faltarão Tigres famintos

Em vossos corpos, de hum vez extintos;

Defensa não tereis, que vos ampare

A' penetrante fêta, que despare

O Cafre roubador, altuto, e forte,

Tereis, e gemereis na horrivel morte:

E tu bella mulher, que não perdeste

A belleza no damno que me dêste

Que a hum violento jugo havias prezo

Hum genio forte de furor accezo,

Tu que havias fugeita, e maniatada

A propria liberdade, tão amada;

Do meu coração livre fuge, elconde

De mim esse cruel Semblante aonde

Desmaie toda a sua formosura

Nos horrores da fria Sepultura,

Sem que te valhão lagrimas choradas

Só de medonhos monstros escutadas;

Que os bens gostosos, todos tu perdeste

Quando fêra cruel me aborreceste:

Dos meus climas fugi, malvada gente,

Não vos quero ver mais, nem mais con-

sente

O meu respeito ouvir-vos: hi-de embara,

Antes que em vós rebente a fatal hora

Da ardiloz vingança que respira

O peito em furia, o coração em ira.

Vai-se e os Cafres.

Sepulv. Esposa, filhos, companheiros,

vamos,

Não habondade aqui, daqui fujamos:

Antes que este Leão irado, e forte

Enraivado nos dê cruenta morte:

Vamos ver se noticias alcançamos

Desse Rio que ha tempos procuramos.

Poderoso Senhor, Author do Mundo

Arrancaí de tão hórrido profundo

Troimento a vossos filhos: libertai-nos,

Senhor, dos fêres Cafres, e salvai-nos.

Vão-se.

A C T O IV.

SCENA I.

Casa do Rei dos Cafres.

Sofalla, e Cafres.

Sofal. **Q**ue possa mais amor, q
cu possa, oh furia!
Sofalla fugeitado a tanta injuria!
Tempo ditoso, que por mim passaste
Porque tão feia magoa me deixaste!
Mulher dura, mulher q me aquebrantas,
Quem te deo para tanto foras tantas?
Não te posso esquecer, nem retirar-te
De mim, pois te estou vendo em toda
a parte:
Já o Cafre vassallo não se affusta,
Já não receia, nem teme a lei augusta:
Minha frouxidão tudo tem feito,
Já do rosto fugio todo o respeito:
As feições que mil ferias promettião
Delle se escondem, delle se desvião:
Oh ira, onde estás torna de novo.
A accender em meu peito o antigo fogo!
Mas se de mim fugio o antigo estado
Por deixar-me entre o novo desgraçado,
Se fugirão de mim iras, rancores,
Indignações, malévolos forores;
Se hei de servir de infesta zombaria
A essa mulher forte, que a profia
Me pretende vencer, me tem vencido,
Morrer quero. *Em acção de ferir se.*

Sabe Golla.

Golla. Senhor, o enternecido
Bando de gente, miseravel gente,
Que mandaste buscar, já tens presente:
Vê, e repara....

Sofalla. Sim da melhor sorte
Agora me livrou da minha morte.
Golla. Mudêra, Senhor, essa paixão,
attende....
Sofalla. Que he da bella mulher a
quem se rende
Todo o meu coração? aonde a vida
Tendo! buscalla vai.
Golla. Entraquecida
Já os passos lhe são duros, e pezados.
Sofalla. Oh gente, oh corações in-
fortunados!
Vem mulher, que a deixar-te não me
atrevo,
Vem mulher restaurar-me o meu foccoço.

*Sabe Sepulveda D. Leonor, e os
meninos.*

D. Leon. Porque a fuga, Senhor, nos
embaraças?
Sepulv. Augmentar queres mais nossas
desgraças?
D. Leon. Partir nos deixa.
Sofalla. Não, que tu me obrigas
Mais a dor que a fúrias inimigas:
Os teus deixa partir, eu os premeio
De gostosos manjares, que receio
Sejão de seus moleitos opprimidos
Apouquemados corpos consumidos;
Guitar os mandarei á desejada
Agua da boa paz, assim chamada.
Porém resta, mulher, e me promete
Aquelle amor devido, e que compete

A'quelle que outro igual não tem havido
N'hum Casre coração a ti rendido :

Não te mando, nem meu poder te obriga
Que sejas de Sepulveda inimiga ;

Com elle vive, e occupa os meus estados :
De mim fugirão estis vãos cuidados ;

Nem quero dar-te o nome de ser minha
Nem que sejas do Casre a Rainha,

Em quanto elle viver por tua lei
Que tanto amor reguardes soffrerei ;

Mas depois d'elle morto me assegura
Por minha toda a tua formosura :

Se elle muito viver ferei gostoso
Com a esperança de ainda ser ditoso :

O seu fim, jurarei, não perender,
Mate-o pois sua lei quando quizer :

Disto só me contento, isto me agrada,
Não pertendo de ti saber mais nada.

Sepulv. Inda quando me offende me
entenece

Aquelle amor nefando que padece.

D. Leon. Desafombra, Senhor os pen-
samentos

De crimes horrorosos, se os intentos
De huma boa razão seguir pertendes ;

Deixa a causa fugir porque te rendes.
Em mim vez a mutora da brandura

Que descredito grande te assegura
Ao caracter feroz, que dominante

Aparecer aos teus, para o respeito
Sustentar-se do teu Real preceito.

Que queres de quem vêz por inimiga
Que tão funesto amor te abate, e obriga?

De huma fraca mulher, que a triste sorte
Fez imagem da respeitavel morte?

Que pertendes de hum animo disposto
A desfazer as forças do teu gosto?

Idade não virá, tempo maligno,
Que do meu puro amor te faça digno;

Nem poderão trabalhos tormentosos
Fazer os teus affectos venturosos,

Portegidos desta alma: a triste queixa
Sepulta de huma vez, e empaz me deixa.

Sofalla. Onde estás, oh foror aque-
brantado ?

Renasce, corre, vinga hum affrontado :
Hum Rei, Senhor dos Casres poderosos

Que faz huns tristes, outros venturosos.
Sepulveda se tu mais venturoso

Do que eu sou; hes dono poderoso
De tão bella mulher, sujeita rende

Huma esquivança que cruel me offende :
Esta bella mulher que se arma forte

Em fazer desgraçada a minha sorte
Sujeita a meu favor com impiedade :

Ao que chamas divina honestidade
Não pertendo offender ih, não, contente

Presente mim, e não de mim auente
Com ella vive, e vive com os mimosos

Filhos livres de insultos temerosos,
Que eu para recompensa deste excesso

Que vis n'um Rei dos Casres, se mereço
Da ti favor tão grande, me segura

Por minha toda aquella formosura
Se primeiro que eu tive es morie :

Eu não quero, não, em quanto a sorte
Te conservar a vida, viverei

Soffrendo o voto que te ordena a lei,
Esta lei que a mulher obriga a ser

Do homem escrava, o homem da mulher,
Vivendo os dois na estreita liberdade

De não poder amar outra vontade :
Com esperança fico assáz gostoso

Que depois de morreres sou ditoso.
Que nome dar-lhe posso de Rainha,

Não agora que he tua, em sendo minha.
Que por conselhos teus vereis domado

Hum genio que me trás aquebrantado ;
Que me farás Senhor daquella amante

Ternura que te mostra a cada instante,
Ou pelos fitos olhos empregados,

Sobre os teus ternamente desvelados,
Ou pelas meigas vózes, que poderão

As minhas ensinar, onde aprenderão
Mil brandas expressões, mais nunca ou-

vidas

Por entre as grossas turbas denegridas ;
Dessa amante ternura, gesto amavel

Que

Que domou minha fúria infaciavel :
 Senhor pensando ser, isto procuro
 Tu hes desta fortuna o meu seguro.

Sepulv. Esposo pôde haver de animo
 forte

Que sujeita á terníssima consorte
 Amai hum novo objecto? E q̃ o intímé...
 Christão peito haverá q̃ a tal se animé;
 Que não gelle de horror? Que possa
 avella

Deslustrar toda a força de querella,
 Dizendo, que o coração desponha!
 A novo laço? Que horrida vergonha!
 Em vida finalando-lhe hum consorte
 Como herança q̃ lhe ha de pôr a morte!
 Homens Christãos que a lei de Deos re-
 cebem

Ideas tão perversas não concebem;
 Nem suas honestísimas Esposas
 Tão feias expressões escandalozas
 Consentir poderião nos ouvidos:
 Quanto mais que os Christãos amão ren-
 didos

Os lugares da veneravel honra,
 E com desprezo pizão os da deshonra.

Sofalla. He entre vós delicto escan-
 daloso

Outro espozo, que á sua feliz Conforte
 Segure hum grande bem por sua morte?

Sepulv. He deshonra...

Sofalla. Não falles, immudece:
 Agora falla tu, prompta obedece.

A D. Leonor.

D. Leonor. Estima a verdade?

Sofalla. A defestimo,
 A's vezes, mas agora a amo, estimo:
 Falla sem temor de que me enfade,
 Ou defestime agora esta verdade.

D. Leonor. Huma esposa de puros
 sentimentos
 Não se engolfa em molestos pensamen-
 tos

De esperar mil fortunas pela morte
 Do seu estimadíssimo Conforte;
 Porq̃ crê que do Ceo lhe he concedida

Para seu maior bem aquella vida.

Sofalla. Mas aonde está o bem que
 ella te offerece?

Onde está? entre vós não apparece.

D. Leonor. Não o vez em mim?

Sofalla. Hum mal sobejo

Mil desgraças em ti, sómente vejo,

Onde está o que chamas por bem teu?

D. Leonor. Naquelle vida que con-
 serva o Ceo. aponta para *Sepulv.*

Sofalla. Mas sendo aquella vida des-
 graçada

Não te pôde valer, nem dar-te náda.

D. Leonor. Não me pôde valer aquel-
 la vida

Por ser de mil desgraças perseguida!

De mais alto poder vive animada

Esta vida que achamos desgraçada;

Da-se a si mesma cheia de amor puro

Para minha defença, meu seguro:

Que bem maior, q̃ gloria mais ditosa,
 Que ter huma defença tão honrosa?

Sofalla. He esse o grande bem que
 te engrandece?

D. Leonor. Minha alma outro não
 quer, este apetece.

Sofalla. E meu poder não temes q̃
 se enfade?

D. Leonor. Pois não prometeste,
 se a verdade

Te fallasse, de ouvir-me socegado?

Creio que ha des estar disso lembrado,
 Pois então como passo disso temer nada,

Se na tua promessa esteu fida?

E não tem teu poder de que se enfade,
 Pois quanto aqui te disse foi verdade.

Sepulv. Hum bem que lugar buscas
 na memoria,

Que enriquece os christãos de huma al-
 ta gloria,

He a firme união entre os Esposos,

Por mais que mil trabalhos lastimosos

Os assalem, por mais q̃ a dura guerra
 De desgraças, que o mundo mostra, e

enferra

Sobre elles alce o braço denodado ,
Para as ligar ao jugo seu pezado ,
Vivendo unidos como o Ceo ordena
Gozando deste laço , a paz serena
Do mundo , bém maior , com força
dura

Despedação os grilhões da desventura ;
Pois quando o Ceo os chama venturosos,
Não são mais desgraçados , são ditosos.

Sofal. Mas qual chamas dos dois
mais venturoso ?

Sofalla. o Gram *Sofalla* , ou o teu Es-
poso ?

Elle te da por prenda affaz sabida
Huma débil , cançada , fraca vida ;
Dos meus bens te dou parte , dou-te
abrigo

Parte do Reino ; salva-te do perigo :
Qual chamas destes dois mais gene-
roso ?

D. Leonor. Aos olhos bem se mos-
tra : o meu Esposo.

Sofalla. Teu Esposo ? de raiva , e fu-
ria estallo :

Falla verdade.

D. Leonor. Sim , verdade fallo :

Dos teus bens me dá parte , he mani-
festo

Que dando-me só parte , do mais resto
Ficas tu possuidor , logo repara

Quem por mais generoso se declara
Neste momento : o teu poder reparte ,

Sua grandeza só comigo parte ,
Meu Esposo não tendo mais q' a vida

Inteira ma integrou , não dividida :
Tu por dar complemento á tua vontade

Me offeccste do teu poder metade ,
Meu Esposo seguindo a gloria minha

Deu-me a vida , pois mais que dar não
tinha :

Logo dize quem he mais generoso ?
Sabes quem he Senhor ? o meu Esposo.

Sofalla. Se a vil sorte o mar ?

D. Leonor. Tambem me mata :

Nem vivo , ou morto posso fer-te grata.

Sofalla. Porém se o Esposo morre ,
indecoroso

He a Esposa buscar hum novo esposo ?

D. Leonor. Não.

Sofalla. Logo se acabou hum laço
estrito . . .

D. Leonor. Morro o Esposo , o la-
ço está desteito.

Sofalla. Póde livre a mulher . . .

D. Leonor. Com liberdade

Póde Esposo eleger á sua vontade.

Sofalla. Se livre quer fiar . . .

D. Leonor. Não lho embaraça

A lei.

Sofalla. Deste momento he justo nas-
ça

Huma bella esperanza a meus intentos
Amortecidos já , faltos de alentos :
Pois promete mulher , q' pela morte
Dessa que chamas teu fiel Conforte ,
Me has de a mim eleger por venturoso ,
E não d'outro para teu Esposo.

D. Leonor. Em Sepulveda vejo a mi-
nha vida ,

O meu unico bem : está perdida
Leonor espirou : para á lembrança
Do seu funesto fim , a semelhança
Deixará nestes tristes innocentes

Retratos de trabalhos inclementes :
Em terra estranha pouco conhecidos ,

Sem soccorro , de bens destituídos ,
De affectos maternas desamparados :

Mas ah fugi de mim duros cuidados ,
Que a vida me roubais neste momento ,

Oh filhos , oh Conforte , oh sentimento !

Sofalla. Acabou de gemer , em fim ,
esta alma :

Não has de , não , mulher l var a palma
De vencer o meu animo disposto

A seguir só por lei as do teu gosto :
Oh lá Golla , estes fueros estimados

Produção de dois peitos tão malvados ,
Que fizeram meus dias desditosos ,

A's devorantes garras dos irosos
Carniceiros Leões , Tigres famintos

Os lançaí.

Golla, Sepulv. D. Leonor. Ah Senhor...

Sofalla. Fiquem extintos.

D. Leonor. Piedade, que fazes?

Sofalla. Que piedade!

Em mim não reina já; reina a crueldade;

De mim já se apartou a vil brandura.

D. Leonor. Filhos...

Sofalla. Hide dar-lhe a sepultura.

D. Leonor. Que fizerão os tristes innocentes

Para q' sirvão de alvo ás inclementes

Garras dos monstros feros?

Sofalla. Golla, espera:

Queres desviar-lhe a morte dura, e fero?
Pois amor me promette, e me assegura
Por minha toda a tua formosura.

D. Leonor. Em vão o intentas.

Sofalla. Hide, o meu preceito

Diligente se cumpra: o meu respeito

Ultrapado, se vingue desta sorte.

Vai Golla com os meninos.

Sepulv. Misera Esposa!

D. Leonor. Misera Consorte!

Sepulv. Não perco no pezar a tolerancia.

D. Leonor. Eu na honra te figo, e na constancia.

Sofalla. Não podem demover-te os meus agrados,

Os filhos por meu mando despedaçados.

D. Leonor. Para a morte infiel nada me obriga,

Nada me rende, nada me captiva.

Sofalla. Sepulveda verás entregue á morte.

D. Leonor. Suspende-te, Senhor.

Sofalla. Pois menos forte,

Se desejas obter do Esposo a vida,

Revde-te em fim, mulher á dor crescida,

Raquelle amor q' arrasta hum terno peito,
Que a teus duros grilhões vive sujeito.

D. Leonor. Não, que nelle empenho periga a honra:

Morra o Esposo, mas livre da deshonra.

Sofalla. Morrerás tu cruel como murtora

Sómente do meu mal, perseguidora

De meus afflictos dias: a tardança

Me serve de delito na vingança

Que em ti, mulher malvada, cumprir quero,

Já nas catranhas onde irado, e fero

O coscorante fogo que me anceia

Não tarde o golpe, não: pois q' receia

Hum Castre coração desobestinado

Por tão estranha gente mal tratado?

As idéas se cobrem do desprezo

Que tenho suportado; mas accezo

De hum fogo justo, agora esse vil peito

Traspaçado. *Vai a ferilla.*

D. Leonor, e Sepulv. Ah meu Deos!

Em acção rogativa ao Ceo.

Sofalla. Mas quem o effeito

Do golpe me embarça! quem pertende

Determe o braço! quem o pé me prende?

Eu me vingo; mas ah que em vão porfigo, *Em acção de ferilla.*

Que he isto? o braço treme? mas que digo?

Não treme, não, crava despiedado

Aquelle duro peito, mas pezado,

Como acima.

Não pôde levantar-se, e a pouco, a pouco

Vai buscando o juizo, hum vario, e louco

Intrincado caminho de affombradas

Imagens de terror alli gravadas:

O coração em ancias mil desfeito

Ondeia pelos concavos do peito;

Que he isto? mais que fogo me inunda

Que me prende, me arrastra, e me profunda!

Oh da vingança destemido raio,

Sol-

Solta-me de hum mortal frio desmaio,
Deixa liberto a passo o meus intentos,
Dá-me vingança horrivel, dá-me alentos,
Como acima.
Mas já não posso mais: oh lá soccorro.

Cae-lhe a setta no cbão, e elle cae nos braços dos Cafres, que o levão.

D. Leonor. Gela-se o sangue, o espirito foge: eu morro.
Conferte, que esperais aqui? fujaamos,
E ao resto infeliz juntar nos vamos...
Mas sem os nossos filhos desgraçados..

Sepulv. Fujaamos, não me deis novos cuidados.

D. Leonor. Sou Mãi, e para a dôr,
e sentimento
Não me esquece este nome hum só momento.

Sabe Golla.

Golla. Já mortos os teus filhos...

Sepulv. Ah malvado.

Lança a mão ao lugar da espada, e vendo se sem ella, levanta a setta que caíto a Golla, e com ella arremete a Golla, e D. Leonor o suspende.

D. Leonor. Sepulveda, suspende-te.

Sepulv. Oh inclementes,
Cafres crueis!

Golla. Vinde oh innocentes
Tenros meninos, vêde a recompensa
Que obrenho de servir-vos por defenza
Contra as iras de hum Cafre namorado.

Sabem os Meninos.

D. Leonor. *Sepulv.* Fihos.

Correm a abraçallos.

Sepulv. Esposa, amigo, oh Ceo fagrado!

Golla. Eu os guardei movido de piedade;

Não sou, oh branco, amigo de cruel-
dade:

Inda que nasci Cafre, amo, e effimo
Bons corações, pois de hum bom me
animo.

Sepulv. Que desejas de mim?

Golla. Eu nada quero.

Sepulv. Se ouro, ferro, ou prata...

Golla. Não espero

Que faça venturosa a minha sorte
Hum branco q' intentava dar-me a morte.

Sepulv. A voz funesta ouvi pronun-
ciando

De meus filhos a morte, e suspirando
Ser ella producção do algóz, tirado
O braço levantei por ser vingado
Dos ultrajes cahidos sem clemencia
Naquelle sangue cheio de innocencia.
Julguei em ti da culpa o vil cutello,
Sahio de Pai o amor o sangue o zelo
Ao campo da vingança; inconsiderado
O braço levantai, fiquei culpado:
Errei, porém te lembro que do ferro
Nasceo a origem toda do meu erro.
Despojo foi da mão desse tyranno
Obrar não poderia menor damno
Hum fero companheiro, de hum mal-
vado

A vís traições sómente acostumado.

Golla. Ah perdoai-me amigo, se te
offendo

Não digas mal do Rei q' sirvo: entendo
Em quanto a mim, ser contra toda a lei
Q' ouça, ou diga o vassallo mal do Rei.

Sepulv. Oh singular virtude, como
hés bella!

Onde está sempre brilha a tua estrella.

Golla. De hum accidente, fique se-
pultado;

Podeis fugir sem susto, nem cuidado
De que possa o seu mando novamente
Detervor a jornada, a vossa gente
Por vós fica esperando, mais ouvidos
Não sejam os vossos ais, vossos gemidos
Por esta terra, contra vós armada;

D

Hi-

Hide buscar a boa Patria amada;
 Hide ã descansar, fugi da terra
 Que vos faz tão tyranna, e dura guerra.
 Esse Deos, que por vós he amado
 Vos dê o salvamento desejado.

Abraça a Sepulv. e vai se.

Sepulv. Meus filhos innocentes, re-
 salvados

De tantos incidentes desgraçados,

Tenras flores, mil vezes derrubadas
 De mãos groceiras, turbidas pizadas,
 Vós vergontas humildes revestidas
 Da brilhante innocencia, vós q as vidas
 Conservais resistindo á força dura
 Do tempo desfeitrado, em vós segura
 Ponho a minha esperanza: Esposa va-
 mos,
 Antes q caia novo mal, fujamos. vão-se

ACTO V.

SCENA I.

Montes.

Sepulveda, e Soldados;

Sepulv. EM vão se apura a vossa
 diligencia;

Meu filho se perdeu, á providencia
 Divina se entregou; n'alta morada
 Gozará de huma vida descansada,
 Em vão o procuramos, sepultura
 Nesses montes lhe deo a noite escura;
 Vamos buscar o resto desgraçado
 Que nesse fundo jáz magoado,
 Não tanto dos trabalhos da crueldade
 De huma sorte feróz, mas da faulade
 Que em seus bons corações se ateia, e
 cresce

Da falta de quem tudo lhe merece,
 Pois igualmente a nós, dura, e pizada
 Esta ausencia nos he, e nos enfada
 A tardança da sua companhia
 Que a forçosa desgraça nos desvia;
 Porém prezizo foi em tanto damno
 Mostrar de Pai o affecto, o ser de hu-
 mano

Hum filho vim buscar q estimo, e choro
 Que na vida estimei, que motto adoro,
 Pois com o grão privilegio de innocente

Com os Anjos vivirá eternamente,
 Arrancai nessas arvores sombrias
 Retratos de medonhas agonias
 Os frutos amargos que de horrores
 Só nascer podem feios dissabores
 Esses frutos nos servirão de alimento,
 Dalles fazei hum grande fortimento,
 Já que de outros a sua esteril terra
 Nos não provio na fumulenta guerra,
 Porém hum groço bando de malvados
 Cafres, com largos passos apressados
 A'quelle monte sobem, q desaparecem
 Tostadas Corças,
 Pelas montanhas asperas, e esquivas
 De amotinado mato fugitivas:
 Mas que improvisto golpe desceio junta
 Meu brando peito, e deixa por defunta
 Aquella debil força que restava
 A hum espirito q em Deos só confiava!
 Em vão trabalho, em vão de libertar me
 Da mão cruel que vim para matarme
 Trazendo-me á memoria hum novo
 damno.

Cahido sobre a esposa: oh soberano
 Se-

Senhor do Ceo, e terra, a vós Deos
justo

Entrego a força de tamanho susto:
Da vossa santa lei me sinje a palma
Na Elpósa defendei toda a minha alma.

Sabe D. Ignez coberta com algumas pe-
les de animaes, e os cabellos soltos.

D. Ignez. Ah Sepulveda.

Sepulv. Ignez, que excessão he este?
Quem te arrasta a buscar-me? que ti-
veste?

Ou que teve Leonor! que vestidura
Te adorna a desmaiada formosura?
Falla, turbada Ignez.

D. Ignez. Mas onde posso
Expressões encontrar, que do mal nosso
Te pintem os miseros horrores
Se não se encontrão apropriadas cores?

Sepulv. Pois como? que succede?
principia.

D. Ignez. A voz do fraco peito se
desvia.

Sepulv. He a demora dor, que me
traspassa.

Conta o affalto novo da desgraça.

D. Ignez. Naquelle fundo valle re-
tirada

Ficou a infeliz gente aquartelada;
Por buscar hum perdido filho, deixas
Alli os companheiros entre as queixas
Do incansavel tormentoso fado
Em todos insofrido desfestrado,
De Pai o affecto, e zelo te desvia
Então daquella amada companhia;
De huma, e outra parte procurando
Vós a filho innocente, alli obrando
Dos lacrimosos olhos que te olhavão
Perdendo te de vista lastimavão
A força da saudade, que deixava
Esta vista que a tantos animava.

Quando neste pezar... oh Deos Su-
premo

A voz se opprime, de contar-te tremo

O caso mais ferós, acerbo, e duro.

Sepulv. Deos me reveste de animo
seguro

Para ouvir-te.

D. Ignez. O coração estala.

Sepulv. He morta Leonor?

Querendo partir.

D. Ignez. He viva.

Sepulv. Falla.

D. Ignez. Estavamos unidos, e cho-
rosos

Naquelle fundo valle, desejosos
De já ver-te do filho acompanhado
Que por perdido, e morto era chorado;
Quando alli se mostra a mais damnosa
Horriavel feia vista tormentosa
A mais tyranna vista, e descontente
Do que a do verdugo he ao padecente;
Correndo á pressa vem do escuro mato
Com tremendo, e horriavel defacato
Os Cafres, que só tem por exercicio
Roubos, mortes, como por officio.
Saltão aqui, alli, e com engenhosos
Pulos, pafsão em claro os espinhosos
Envenenados ramos; qual a turba
Da ligeira canina que perturba
O focogo do bosque, rastejando
A casta que se vai acautelando,
Pelas profundas branhas, e com ella
Dando trás della qual nervada pela
Saltão, correm, e juntos a perseguem,
E os que mais se avantajão, mais con-
seguem,

Assim os feros Cafres se chegarão
Qual a canina gente, e despojarão
Com alta grita de furor ardente
N'um mesino ponto a desarmada gente,
Dois Cafres de rebusta fôrma horrenda
Cobertos de ambição, dura, e tremenda
A' formosa Leonor arremeçados
Quaes dois famintos lobos exfamados
As atrevidas mãos que não tremêrão
Ao peito chrystallino arremetterão:
Ella por desfazer tão vis intentos
Dos debeis braços faz os instrumentos

Para a justa defensão, não resistes
 Que a morte vê se na defensão insistes;
 Castro zeloso em defendella morre
 Que huma setta no peito lhe entra, e corre:

A formosa Leonor, que vê perdidas
 Na defensão que busca, tantas vidas
 Vendo que não sustem do vil effeito
 A vil mão, com as forças do respeito
 Com incansavel trabalho se retira
 Da turba cubçosa, que arde em ira;
 Busca hum rochedo, q̃ a seu mal subejo
 Lhe seja amparo, e ao vergonhoso pejo:
 Dos Cafres afastada breves passos,
 Entrou a despregar com os moles braços
 Do seu corpo a desfeita vestidura,
 Fraco adorno de tanta formosura;
 Enrolla as moles sedas, vergonhosa,
 E levantando os braços, á damnosa
 Multidão, com os despojos atirando
 Salvou a vida, e muitas mais salvando:
 Foge o bando de asperrimos malvados,
 De horror os nossos flicão suffocados
 Que o vergonhoso pejo lhe supprime
 As vozes na garganta, que lhe opprime;
 Huns olhos para o Céo se vem alçados,
 Outros fitos em terra, envergonhados:
 A formosa Leonor, vendo despidos
 Os seus honestos membros consumidos,
 Com as delicadas mãos procura
 Tecer-lhe a nelleffaria vestidura;
 Delles parte na solta arcaia enterra,
 Outros com as longas tranças cobre, e incerra:

E alli se vê com as luzes da verdade
 Espelho ser Leonor de honestidade.
 Eu que passar te vi atravessando
 Hum mato, e outro, com os olhos vim buscando

Tuas pizadas; soffre eu ser pergoeira
 Da funesta noticia verdadeira;
 Porém qual ficia estatua me pareces!
 O animado perdeste? já te esqueces?
 Que do cruento mal, a vil jactancia
 Nunca pôde triumphar da tua constancia?

Sepulchro. Ah Ignez, eu te ouvi, e pude ouvir-te

Sem de dor estalar? sem referir te
 Para meu desaffogo a grande magoa
 Que no peito me ferve em dura fra-
 goa;

E podes criminalizar que a vil jactancia
 Pôde pois abater minha constancia?
 Criminaliza só meus passos retardados
 Que á vista de Leonor acobardados
 Me estão negando Ign-z, está perdida
 (Se está morta Leonor) a minha vida
 Mas porque me detenho! que pezado
 Grilhão o pé me prende? que cuida-
 do?

Que estranha imagem, e que tormen-
 to!

Que he isto q̃ me sobe ao pensamen-
 to!

He mais q̃ horror, he mais. q̃ dor cres-
 cida?

He ver morta Leonor, he não ter vida.

Vai-se, e Ignez.

S C E N A II.

Montes, e Rochedos.

*D. Leonor entalada entre os montes
 parte do corpo, e os cabellos soltos,
 quelhe cobrem o rosto: ao lado hum
 dos filhos, e ao outro lado Cas-
 tro morto, atravessado
 com huma setta.*

D. Leonor. **A** Ti me entrego Deos
 que me soccorres:
 Sepulveda onde estás? porq̃ não corres
 A quem te chama? o gosto lhe confia
 Da tua desejada companhia:
 Se passaste por tão medonho trato
 Por onde já passei, menos ingrato

Te será espectáculo tão triste;
 Vem ver-me meu bem, porq̃ presiste
 Inda em meu corpo hum debil, brando
 alento,
 Vem avivallo, e dar ao sentimento
 Huma pequena tregua, vem q̃ a sorte
 Me faz feliz com a tua vista a morte.
 Sepulveda?

Sabe Sepulv. D. Ignez, e Soldados.

Sepulv. Leonor?

D. Leonor. Vives Esposo?

*Sepulv. Olhos meus o que viste! oh
 vil damnoso*

Imperio de ambição! oh vís malvados
 Que seguís suas leis! altos estados
 Por vós jazem perdidos; não vos bastava
 Para a cede abrandar, q̃ vos contrastava
 Senão roubar com horrivel mão ardente
 Os adornos da fraca humilde gente?
 Vinde crueis, a vós vos manifesto
 Desta familia o desgraçado resto,
 Destes corpos as roupas consumidas
 Cruentas mãos, ralgai, mãos atrevidas:
 Salvo me não deixeis em mal tamanho
 Entre os meus parecer não quero estran-
 nho

Já que iguaes parecemos nas figuras,
 Mostrando-nos iguaes nas vestiduras,
 E se de posse estais desse innocente
 Infeliz filho, vinde novamente
 A cede matigar da ambição fero
 Em quem para faltar-vos vos espera,
 Vinde crueis...

D. Leonor. Sepulveda?

Sepulv. Conforte.

*D. Leonor. Moderai, moderai esse
 transporte*

Nascido de furor no vil acedio
 De embaralhados males grão remedio
 Nás mostra a Sabia mestra experiencia
 Nás valerosas forças da paciencia.

*Sepulv. Ah Leonor, já me falta a
 tolerancia;*

Descabio toda a força da constancia
 Que em meu peito morava sobre os
 braços

Dos trabalhos crueis; os duros laços
 Com que aterrão corações valentes
 Cahirão nos meus braços, as correntes
 São duras, e peçadas, arrastalas
 Inda posso, porém não sei quebrallas;
 Entre ellas apareço, entre ellas morro,
 Entre elles desespero, entre ellas choro,
 Ai amada Leonor! *Com desesperação.*

D. Leonor. Quando Esposo
 Sentai-vos junto a mim, e o lastimoso
 Discurso suspendei; ouvi me, ouvi-me
 Antes q̃ falle a vós que já se opprime.
 Na garganta sequiosa: attenção peço
 A voz parte desta alma, e se mereço
 Mais este favor vosso, attenção quero
 Sepulveda, de vós a espero,
 Dando treguas ao triste sentimento
 As vozes sepultai, ouvi-me attento.
 Aquelle alto Senhor, supremo Deos
 Que a máquina creou da terra, e Ceos
 Proteste minha, chamo da verdade,
 Que convosco usei sempre: da maldade
 As terriveis tenções nunca te virão
 Entrada dentro em mim, de mim tre-
 merão:

Eu nunca as vi, nem dei consentimento
 A que me vissem nem por pensamento:
 Corria o tempo, meu amor crescia
 Com a fé q̃ vos jurci, vi sempre o dia,
 Trouxe sempre as idéas adornadas
 Das bellas tenções vossas, do Ceo dadas
 A vós para meu bem; dellas o fruto
 Colho contente, sem temor desfruto:
 Não assombrão, Senhor, minha me-
 moria

Doces lembranças da passada gloria
 Quando lá em Cochim, no fausto dia
 Do nosso ajuntamento, da alegria
 Vimos encher se os ares trovijando
 Dos raios festivos que hão lançando
 As cuidadosas mãos da humilde gente:
 Quando vimos do Sol a luz ardente:

Mof-

Mostrar nos ricos trages os esplendores
Das mais brilhantes, matizadas cores,
Quando ouvimos em versos repetidos
Do nosso amor os gostos applaudidos,
Não elmoreço no presente estado
Com as doces lembranças do passado,
Só me podem causar desaffoego
O temor de perderes o socego,
Vendo estallar, quem firme accompa-
nhaste,
Quem firme vos amou, quem tanto
amaste.

Esta debil poeira, fruto innocente
Entrega-lhe o menino.

Do nosso casto amor, fazei contente
Dos mimos paternaes acompanhado
Se os maternos perdeo por desgraçado:
Sepultada, Senhor, a fatal hora
Da minha morte, não terá demora
O fraco coração sobressaltado
No peito bate em motu desusado;
De quando em quando corre hum véo,
e turba

A fraca vista, a voz tambem perturba
Hum apertado respirar, e quente
Que sahe do peito, e a garganta sente
Entre esta areia requeentada, e dura
A meus ossos dareis a sepultura;
Seja de vós só filha esta piedade,
Pois filho sois da propria humanidade,
Não vos deis caro esposo ao sentimento
Nem quero me percais do pensamento;
Trazei por vosso allivio na memoria
Que estou gozando da suprema gloria;
E que a vista de Deos a quem offereço
Todos os meus trabalhos, todo o preço
Da minha vida a lagrimas choradas
De meus constanres olhos derramadas,
Na divina presenca a hum Deos piedado
Por vós... por este filho... ai meu
Esposo!

Acudime Creador da terra, e Ceos
Por vós... por todos... pedirei... a
Deos.

Morre.

D. Ignez. Oh feliz Leonor, sobre
a tua alma

Ao angelico Coro, a santa palma
A teus merecimentos concedida
Lá terás pelos Cherobins tecida.

Sepulv. Em fim, morreo Leonor?
hum breve espaço

Corrou tão firme, tão amante laço?
Que do tempo veloz a valentia
Fracá para a quebrar me parecia,
Em fim, morreo Leonor? e posso crello!
E não morro no pranto de dizello?
Em fim, morreo Leonor! os seus agra-
dos

Para mim já morrerão: sepultados
Verei aquelles olhos tão formosos,
Que quando os via chamava aos meus
ditosos?

Aquelle lindo rosto convertido
Verei n'hum rosto feio denegrio?
Aquellas vozes filhas da ternura
De mim fugirão para a sepultura?
Aquellas brandas mãos, alvas, e puras
Agora beijarei rouxás, e duras?
Perdi naquella morte as alegrias,
Na minha perder quero as agonias.
Tu que á morada alegre te lubiste

Chegando-se ao cadaver de Castro.

Fugindo cá da terra sempre sahiste
Tu que honrando a Dama defendeste,
Lá comtigo verás por quem morreste;
Daqui a breve espaço sou comtigo
Oh meu Castro fiel, honrado amigo.

*Tira-lhe a seta com que tem o peito
passado.*

Este ferro que foi teu homicida
Verdugo me será da infausta vida.
Oh formosa Leonor, oh Castro amigo,
Que sou eu cá sem vós? por inimigo
Julgo tudo o que vejo; a dura sorte
De mim vos apartou a cruel morte;
Pois ella a vós me leve, e me abra a
estrada

De ir ter comvosco vida descansada:
A vida cá sem vós he mal profundo,
Por ir comvosco ter, fujo do mundo.

Quer matar se.

D.

D. Ignez. Sepulveda, que fazes? E vós, q̃ as minhas vozes descontentes
aonde os teus *Para os soldados.*

Pensamentos arrastas? vê que Deos
Só he Senhor da vida, elle iómente
Tira-a a quem a deo: contente
Roubar a si qualquer humano a vida
He cr me contra a lei instituida
Pela Divina mão daquelle Deos
Que piedoso nos chama filhos seus,
Sofre a dôr oh Sepulveda, constante.

Sepulv. Não posso mais soffrer, su-
fri bastante:

Deos me perdoe o impulso arrebatado,
E a soffrer ensine hum desgraçado.
Ah Ignez, nunca vi o Sol luzente,
Tão feio, tão turbado, e descontente;
As arvores aqui apparecidas
Nunca as vi de horror tanto, revestidas:
A sepultura, os olhos vem defronte
Em cada tronco, planta, rocha, ou
monte;

Pois antes que do tempo a força dura
Me enterre na escavada sepultura
Fique final da minha infausta historia
Neste membrudo tronco; por memoria
Com esta aguda feta rigorosa
Gravar perendo em ti, da lastimosa
Minha tragedia, o funesto letreiro,
Que aos humanos vindouros pergoeiro
Seja do caso horrivel desgraçado,
Até aqui nunca visto, ou imaginado,
Que succedea á Portugueza gente
Perdida pelas parres do Oriente.

*Vai escrevendo no tronco com a seta,
de forte que se possa ler de fora.*

„Caminhante, aqui jazem sepultados
„Dois fieis corações, mais desgraçados.
E vos restou de amor tão desditoso
Que inda pizaes o mundo trabalhoso
Sereis eternamente desgraçado
Pois fosteis a hum infeliz recomendado.

Pega no menino.

Acompanhais com lagrimas ardentes;
Vós que com o mais justo sentimento
Suspiros exallais, ao furdo vento;
Daqui fugi com passos apressados,
Senão podeis, com passos arrastados;
Mas a vista soltai da infame terra
Que inda vos pôde armar mais feia
guerra;

E se elles corpos secos, e myrrados
Em melhor clima forem sepultados,
Lá á mais bella, a mais placida gente
Contai o fim que teve descontente,
Que não fique hum mortal, q̃ na me-
moria

Não traga impressa minha infausta his-
toria:

E vós oh Portuguezes decantados
Filhos de Heróes, e para Heróes gerados,
Sê amor, se parentesco vos mereço,
Se fiel amizade; em fim vos peço
Que não formeis meu triste monumento
Mais q̃ da dor de hum largo sentimento,
Pois com esta lembrança menos forte
Entre Tigres, Leões verei a morte

*Vai-se arrebatadamente levando o
menino.*

D. Ignez. Sepulveda... repara...
fugitivo

De vós desapparece... o excessivo
Pezar o arrasta, e leva: Deos sagrado
Ampara esse infeliz precepitado
Da sua grande dôr enfurdecido
Meus brados não escuta: enfurcido
Naquelle mato horrivel entra, aonde
Eternamente creio que se esconde
Pois de medonhos Tigres habitado
Será em seu puder despedaçado:
Destte lugar fujamos: como teus
A ti nos entregamos, grande Deos.